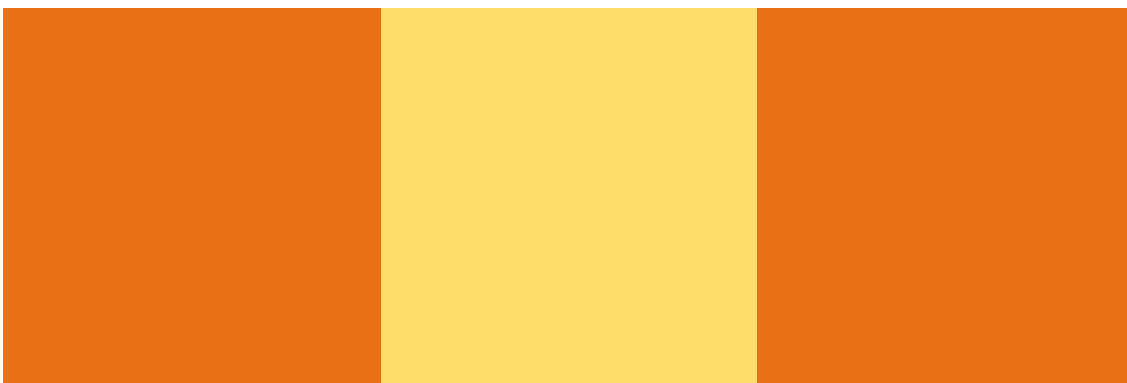


Um pouco de possível senão eu sufoco: entrevista com Antonio Negri

Christian Fischgold

Doutor em Letras e em Literatura Comparada (UERJ). Membro do conselho editorial da Lugar Comum



Em “*Maio de 68 não ocorreu*”, Gilles Deleuze e Félix Guattari expõem o “fechamento do possível” após o esmagamento do movimento de 68 – tanto pela esquerda quanto pela direita – e reafirmam o “acontecimento” como parte irredutível aos determinismos sociais e às séries causais em todo fenômeno histórico. Junho de 2013 também tem sua parte “acontecimento”, de desvio, de ruptura com as causalidades históricas, e de abertura de um novo campo de possíveis. Muito do que Deleuze e Guattari escreveram naquele artigo se encaixa sob a ótica de Junho de 2013. Apesar do que já foi dito sobre o período nada parece conformar uma síntese daquela “abertura de possível” que se deu entre junho-13 até março-14, quando a greve dos garis no Rio de Janeiro sinalizava o último suspiro incontrolável do movimento.

Mesmo bloqueado o acontecimento junho/13 não se deixa ultrapassar. O possível não preexiste, afirma D&G, é criado pelo acontecimento, que “cria uma nova existência, produz uma nova subjetividade (novas relações com o corpo, o tempo, a sexualidade, o meio, a cultura, o trabalho...)”.

Encontrei Antonio Negri em um hotel na zona sul do Rio de Janeiro, a poucos metros da praia. Os protestos estavam prestes a completar um ano. A temperatura das ruas já havia diminuído, mas ainda havia alguma mobilização. Na terra dos megaeventos esportivos (em 2014 e 2016 o Brasil sediaria Copa do Mundo e Olimpíadas) tudo que era novo e potente no movimento foi marginalizado ou caricaturizado. Governos federal, estadual e municipal investiram fortemente em repressão, captura e desmobilização. O resultado foi a catastrófica eleição de 2014, com a recomposição a fórceps do eixo político dominante, em bases ainda mais corrompidas. Lá (1968) como cá (2013) a esquerda não soube propor nada às pessoas para além de repressão, captura, corrupção e cinismo, enquanto organizava a recomposição do sistema, cujas estruturas foram balançadas pela multidão nas ruas. Nesse período, o conceito de Multidão tornou-se “*mainstream*”. Todos queriam explicar o movimento, e, para a própria insuficiência determinante, o conceito de Negri apresentava-se como a melhor aproximação conceitual acerca dos acontecimentos.

De lá (2013) pra cá (2019) houve um *impeachment*, duas denúncias contra um (vice) presidente, a prisão do político mais popular do país, dezenas de outras prisões de políticos e empresários de diversos perfis ideológicos, muitas tentativas de uma nova acomodação das forças políticas e a eleição de um candidato de extrema-direita. O

movimento foi o terremoto que chacoalhou a vida política, social e cultural do país, instigando as forças a se reorganizarem - algo que ainda não aconteceu. O que aconteceu desde então tem menos a ver com a multiplicidade de pautas presentes no movimento, e mais com a forma como as forças políticas – à esquerda e à direita – tentaram se reorganizar, sufocar o movimento, e sobreviver. Assim como em 68, os impasses da crise atual decorrem da incapacidade de assimilar o movimento, de operar, no nível coletivo, uma reconversão subjetiva do tipo que se exigia à época, e que se demonstrou como “possível”.

Christian Fischgold: O Brasil viveu no ano passado (2013) uma série de levantes que colocaram milhares de pessoas nas ruas. Nossa entrevista/bate papo vai girar em torno disso e em torno da tentativa de diálogo com esse fenômeno a partir de suas reflexões¹. Segundo o senhor afirmou na palestra da última quarta feira o conceito de “Multidão” teria como característica a de ser um “conjunto de singularidades”. Gostaria que o senhor comentasse melhor esse declaração, a importância do conceito para pensar as condições políticas do presente, como essas concepções se relacionam com a questão racial, tão central num país como o Brasil, e como senhor avalia a pertinência da noção ampliada de “multidão dos pobres”, segundo seu livro escrito em coautoria com o professor Michael Hardt (Duke University).

Antonio Negri: O conceito de multidão é bastante estranho, em vez de ser como sempre se disse das massas que se movem, qualquer coisa de compacto e duro, a multidão é um conjunto de singularidades, de coisas viventes, singulares exatamente, diferentes umas das outras, que se unem e fazem um concerto. Por outro lado, cada um de nós é uma multidão, uma multidão, uma multidão de pensamentos, de afetos, uma multidão de atividade de trabalho. Por exemplo, alguns de nós sentimos a cor, a raça, como algo de interno, que nos coloca em contato com os outros, e nos colocando em contato com os outros, nos coloca numa cultura comum, numa relação comum.

Eu creio que o conceito de multidão, neste ponto de vista, é muito importante para descrever o que aconteceu e o que está acontecendo no Brasil, seja do ponto de vista da

¹ Traduzido do italiano por Bruno Cava Rodrigues.



relação com a classe, com o trabalho, com os interesses materiais em luta, que estão além do próprio desenvolvimento capitalista, diferenciados. O conceito de multidão permite também isso, a ação de colocá-las junto, carregado de singularidades diversas, cores diversas, em Brasil permite também isso, de articular juntos, movimentos, desejos, realidades.

E além disso, se pode explicar aquilo que tínhamos dito que no Brasil é muito incidente, que a multidão é a multidão dos pobres. Isto significa o que temos insistido que, nos últimos cinquenta anos, ocorreu uma transformação do modo com que o capital explora a sociedade. Explora não mais simplesmente os indivíduos, mas explora também os indivíduos quando estão juntos, a cooperação dos indivíduos, extrai da sociedade valores que o conjunto de singularidades produz, e esta exploração por extração se determina por quantidades, não são mais apenas definidas em termos de quantidades de trabalho, mas são definidas em termos de diferença de posição social: têm os pobres, nem tão pobres, menos pobres, e depois as classificações da burguesia: classe média, que não se sabe mais o que significa, depois burgueses e ricos. A multidão é uma multidão que se caracteriza fundamentalmente num grau profundo de exploração generalizada, da miséria em que vive, e nesse sentido é uma multidão de pobres, que sofre a pobreza.

C.F.: Após os protestos de junho/2013 imaginou-se que o governo Dilma e o PT poderiam se abrir “novamente” as portas do Palácio do Planalto aos movimentos sociais. Isso não aconteceu. Pelo contrário. Ampliou-se a repressão nos estados com apoio explícito do governo federal. Isso parece ser a tônica da resposta do poder aos movimentos por todo o mundo. Para ilustrar esse momento, o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos disse em entrevista recente que vivemos em diversos lugares do mundo, uma “Guerra Civil de baixa intensidade”. O último ano no Brasil (2013-2014) parece corroborar essa opinião. Como se analisa essa afirmativa? É possível estabelecer ligações entre esses eventos no Brasil e em outros lugares do mundo? E aonde esses movimentos acertaram e erraram nas suas formas de luta?

A.N.: É estranho que o governo de Lula não compreendeu que dentro dessas lutas que estavam se desenvolvendo no Brasil, há uma continuação por dentro dessas lutas daquilo que era o projeto do primeiro Lula, do governo Lula no país, um projeto de emancipação,

em que a política de Lula tinha determinado e dado uma larga contribuição, em termos de emancipação social. O que é essa contribuição? Uma contribuição sobre o fato da ajuda às famílias para as crianças irem à escola, o Bolsa Família, era uma ajuda dada pelas cotas, para que parte das populações negras pudessem ir à escola. E isso não foi somente uma ajuda no nível da sobrevivência, não simplesmente de fuga da pobreza, mas de conquista de uma cidadania verdadeira, plena. Essas lutas são filhas desse processo e o proletariado, a multidão que está em questão nessas lutas, hoje, é filha desse desenvolvimento, que é a revolução trabalhista que Lula começou.

O fato é que o governo de Dilma se colocou, de maneira inclusive violenta, contra as manifestações que continuavam esse projeto de emancipação. É uma coisa que surpreende, surpreende e revela uma timidez, ou melhor, um distanciamento do governo Lula em relação às exigências da multidão, como vêm se exprimindo.

De outra parte, esta é uma situação que se verifica um pouco no mundo inteiro, se verificou depois de 2011, um pouco em todo lugar, sempre que se fecha um ciclo do desenvolvimento capitalista, que vem se concluindo desde cerca de 2011, digamos, este ciclo forte do desenvolvimento capitalista neoliberal, que também se manifestou num desenvolvimento sobretudo dos ditos BRICs, que representam o estado mais avançado numa fase de desenvolvimento e de entrada no mundo de um modo de produção capitalista plenamente realizado. Ocorreu uma crise nos meios de controle das novas populações que o próprio desenvolvimento capitalista produziu. Antes de tudo, as revoltas foram produzidas pelo que o próprio governo Lula também produziu.

A mesma coisa se pode dizer provavelmente de outros países, onde as políticas de desenvolvimento produziram novos estratos de população, novas demandas, então, um novo mundo de desejos, também uma nova antropologia, novas formas em que as pessoas vivem. Tudo isso determinou um momento de crise forte na capacidade dos governos de integrar esses novos tipos de demanda. Diz-se que na realidade se tem uma crise de representação, que toca o coração do sistema democrático ocidental, como vem se desenvolvendo, e este é um problema muito, muito grande, difícil de resolver. As formas de luta que conhecemos neste mundo são formas de luta que exatamente partem da consciência [de que] não existe mais representação, que ninguém nos representa, que a representação quando existe é sempre uma traição.



C.F.: Sim, há a consciência de que a representação hoje se esvaziou. Funciona como aparelho de reprodução de burocracias. As conferências, os núcleos, os encontros militantes dentro dos partidos apenas replicam a si próprios, para sustentar uma "correlação de forças" e uma "governabilidade" muito rígidas. Os movimentos, por outro lado, são o contrário do vazio: são um pleno de vivência, experimentação, elaboração teórica e prática. Para além disso, os atos que emergiram em junho passado no Brasil tinham todos a mesma característica: a ausência de uma liderança definida, explícita em uma frase que ecoava nas ruas – “Ninguém me representa” . de que forma o Sr. analisa essa nova forma de luta? E como propiciar que esse pleno, esse comum, possa politicamente confrontar a estrutura existente?

A.N.: Os sistemas de representação são sempre mais constituídos na ausência de sujeitos reais, se tornaram dominados pelas grandes mídias, pela capacidades de financiamento de algum representante que quer se eleger, e para ser eleito precisa usar instrumentos financeiros enormes, até chegarmos ao paradoxo que a Suprema Corte americana estabeleceu que não há limite de financiamento a quem se candidata nas eleições. Isto significa que somente os ricos podem se tornar representantes.

O mecanismo democrático de representação está completamente turbado, e desse turbamento deriva o não-reconhecimento, e formas de luta que se manifestaram um pouco em todos lugares da mesma maneira, através do uso de novas mídias sociais, grandes associações horizontais que se deram na multidão através de várias formas de organização popular. Foi um processo extremamente interessante, foi a primeira vez a uma tal capacidade de mobilização que vem fora de determinados... fora...[da representação, com] instrumentos fortes de conexão, há uma espontaneidade que vem de fora [da representação], que vem diretamente da rede, a rede se torna padrão nestas novas formas de mobilização. Porque não existe mais capacidade de representação, mas existe este nível de mobilização alargada e dinâmica.

É estranho, porque a rede é um instrumento formidável de mobilização, mas é privada do central, nesta situação, e aqui nasce um problema enorme: como a rede pode exprimir-se neste nível, qual será o algoritmo que permita a síntese, e até este momento temo que não haja solução para este problema. Ou melhor, muitas tentativas que existem

de recuperar o valor da rede em sua expressão centralizada, estamos sempre diante de reaparição de liderança [leadership], de elementos que negam essa potência da rede.

Então, como se faz? Como se resolve este problema? É uma pergunta completamente em aberto e completamente aberta no Brasil, na Europa, como noutros lugares. Provavelmente, para voltar ao que dizíamos antes, se deve assumir que se está passando por uma fase intermédia, em que, por exemplo no Brasil, a relação com certos setores do Partido dos Trabalhadores (PT), pela direção política de Lula, deverá ser de qualquer modo reaberta, será preciso conseguir exprimir, de levar adiante essa massa de desejos, essa massa de potência, e mantê-la na continuidade, evitando a inevitável traição, a inevitável mistificação que nestas situações acontecem.

Neste caso, é certamente muito, muito difícil - que certas lutas podem se tornar terríveis - é difícil reordenar a potência dessa multidão com uma centralidade, que permanece na mão do poder, e que pode ser efetivamente muito danosa, perigosa e mistificadora.

C.F.: Em seu livro *Império*, escrito em co-autoria com Michael Hardt, o senhor expõe uma mudança nas formas de imperialismo, a partir de então, consolidadas através do capital transnacional e não mais através do poderio e controle militar pelos países imperialistas. O grande estopim das manifestações no Brasil foi a Copa do Mundo e a alteração de símbolos culturais fortemente marcados na sociedade brasileira, como o estádio do Maracanã e a área do entorno - a aldeia indígena Maracanã, por ex. - e sua substituição por modelos europeus de estádios e shoppings. A defesa desses símbolos se tornou um dos grandes marcos na insurgência dos movimentos, e uma de suas grandes vitórias, até aqui. Dentro desse aspecto do colonialismo cultural e da imposição de signos e símbolos, é possível estabelecer relações-ligações com eventos do passado, como as lutas anti-coloniais, os protestos contra o colonialismo, o maio/68, entre outros?

A.N.: Essas lutas representam uma continuidade a respeito a uma tradição antiga. Já em 1968, já vão 50 anos, vivi os 68 quando já era adulto, me parece estranho exatamente que tenha se passado todo esse tempo, mas é verdade que nesse tempo houve uma continuação, que obviamente não deve fazer esquecermos as diferenças. 68 era uma experiência em que ainda se pensava em conquistar o poder, se pensava ainda que o poder



se constituía de uma máquina, ou lugar, que se poderia assaltar, tomá-lo fisicamente, estava presente o fantasma da Revolução de Outubro [de 1917, Russa] na cabeça dos militantes, de tantas pessoas que lutavam nos anos 1960 e 1970, até a grande crise das lutas e da capacidade de insurgir-se, crise que aconteceu nos anos 1970, na grande repressão, na grande derrota daqueles anos.

Hoje, diferentemente, o poder é outra coisa, é qualquer coisa que influencia na vida de cada um que não é determinável, ou fixável num lugar, é qualquer coisa que se difunde na sociedade, e que portanto não se trata de resolver as coisas num só golpe, para que acabe o poder, é preciso transformar a nós próprios, para chegar a essa reconquista de uma vida livre e justa. Creio que esses movimentos sejam, neste ponto de vista, verdadeiramente indicações do que seja hoje a luta pelo poder. Por que? Porque dentro desses movimentos não existe apenas uma concepção de uma força a exprimir-se, tem também a imediata sensação de um “estar juntos”, de um “cooperar”, que é inteligente, que também é afetivo, e carregado de paixão, e que também vive no mesmo momento em que exerce a força.

Nos últimos anos tenho seguido um pouco as lutas como as da Tunísia, ou da Turquia, que ainda estão em curso. Eu vi, sobretudo na Espanha, como vêm se organizando os movimentos. E uma coisa que me atinge positivamente é esse marchar juntos, avançar juntos, com uma vontade política de distribuir a própria capacidade, a própria imaginação, cooperando com os outros, construindo, não, eu não diria os sovietes.

Certamente, compreendendo dentro desta corporeidade viva na luta, e isto me parece um elemento extremamente importante, porém não decisivo, é preciso sempre recordar que a repressão e a violência vêm forte, e não podemos também sermos ingênuos, e pensar que somente através do afeto e do amor seja possível se bater com o poder.

Dizíamos que me parecia que há uma continuação, mas também uma descontinuidade, que nessas lutas havia uma capacidade de construir comunidade, ao mesmo tempo que o poder se descontrola. Estávamos dizendo que o problema fundamental continua em não ser ingênuo, e não pensar que simplesmente através da comunidade se possa construir também a força, para lutar contra quem quer reprimir essas lutas.

C.F.: Como o senhor mesmo definiu o governo Lula causou uma pequena revolução social no Brasil. E o melhor “produto” dessa pequena revolução foi o movimento desencadeado em junho de 2013. Paradoxalmente, o partido responsável por essa revolução é o mesmo que reprime e bloqueia a sua continuação. O que podemos esperar dessa brecha democrática que se abriu em 2013 como nova forma de participação política, especialmente dos aliados dos gabinetes de poder?

A.N.: O último elemento creio que, de fato, seja, para retornar à própria definição da multidão, seja, no próprio conceito de multidão, e portanto neste conceito de agenciamento, de estar juntos, das singularidades, existe mais um elemento que não pode ser esquecido, o fato de trabalhar para o comum. Trabalhar para estruturas da vida, da produção e reprodução, autogestão de estar juntos, que é fundamental. O comum é lutar contra o privado, o grande comando que a propriedade privada e o capitalismo financeiro exercem sobre nós, e significa reconhecer que a exploração se dá através exatamente daquilo que é a constituição a comum, de um comum que trabalha, já hoje trabalha todos juntos, sempre em formas de cooperação, sejam intelectuais, sejam materiais. Então, esses conceitos de comum é muito central em tudo que estamos dizendo, multidão constrói o comum, e é na medida em que se constrói comum que se torna eficaz e forte, e nessa medida que se deve impor a todas as forças repressivas que estão diante; seja evidentemente respondendo com a força se necessário, mas também respondendo simplesmente através de sua existência comum, que é uma grande potência, que se opõe a um poder que se torna totalmente impotente quando se acha diante da multidão do comum.

C.F.: Em suas palestras e entrevistas o senhor sempre fala sobre “amor – afetos / afetividades”. Eu entendo que esse amor seria o amor cristão, de amar ao próximo como a si mesmo, enxergar o coletivo e o comum antes do individual – entendo também como a construção de laços constituintes da luta. Gostaria que o Sr. definisse melhor isso e em que isso se aplica na luta. E que dê exemplos contemporâneos desse amor sendo construído nos processos da Multidão. É possível?

Gostaria que o Sr. olhasse essas imagens dos protestos do ano passado e as comentasse. Ok, por último, alguns comentários sobre as imagens que eu te mostrei, ok? O que você achou?

A.N: Me mostra de novo? Devo continuar a partir das imagens que eu já vi? Ah ok.

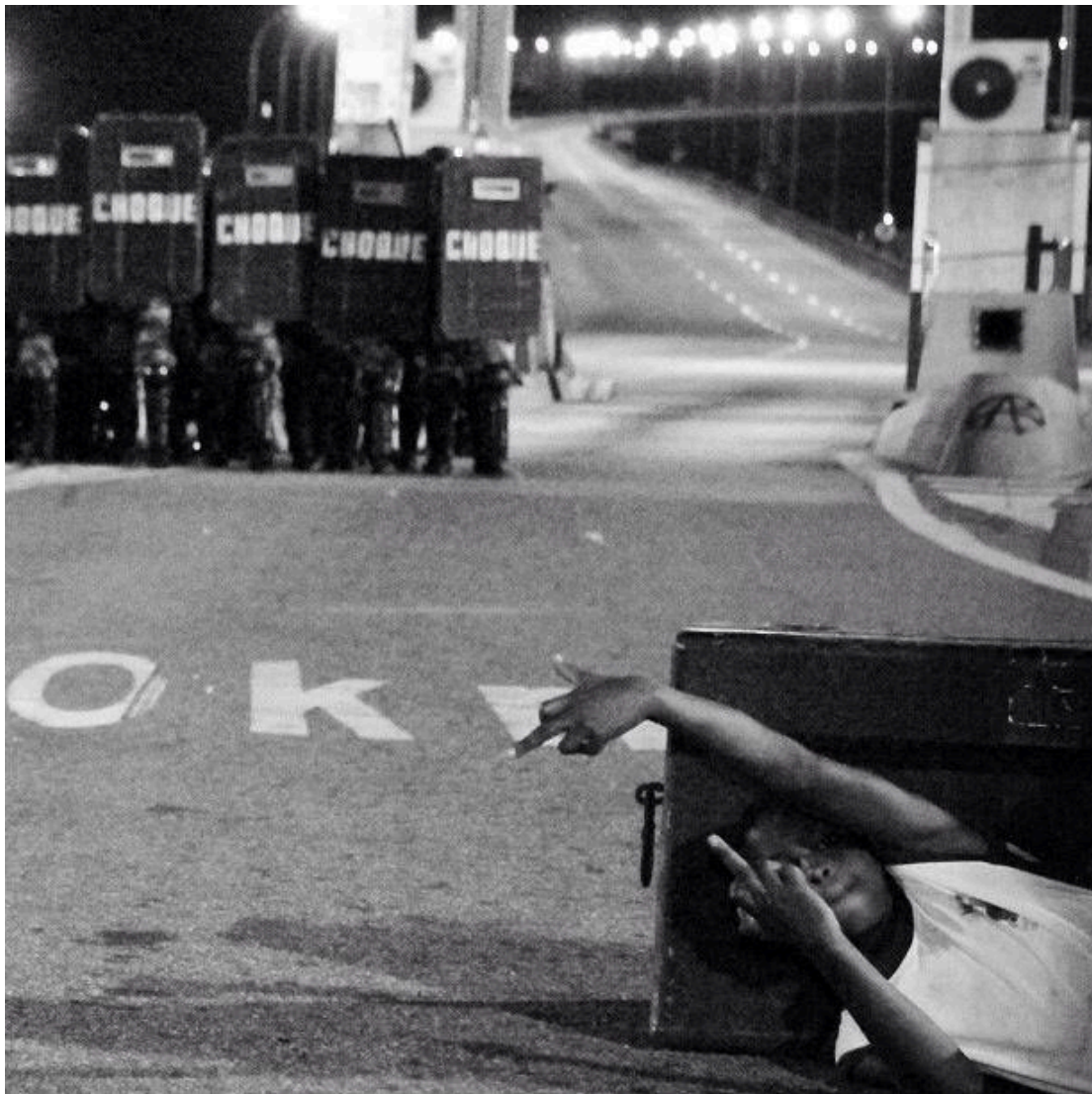


Figura 1 - 26 de junho de 2013. Protesto sobre o pedágio da terceira ponte. Vitória/ES. Foto de Everton Nunes



Figuras 2 e 3: frames do vídeo “Fellini na Manifestação de 11 de Julho • The Fellini's Cut on Rio 11, July Demonstration”, de Carlos Azambuja. Protesto na Cinelândia, RJ. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=iKIZRVN6rrg>

A.N.: Sobre as imagens que me mostraram... A primeira era de uma grande manifestação, da multidão, muitas cabeças e todos ali, e diante dela tem esta linha armada, capaz de abrir fogo, e aí, continuando com a imagem, vemos que a multidão diante do poderio de fogo se articula, tem um rapazinho que dá o dedo do meio à polícia, ele está abaixado atrás de um escudo ou algo do gênero, tem o fato sobretudo que essa multidão não é simplesmente potente ou massificada, é uma multidão que dança, é o que dizíamos antes, o fato que a multidão que luta junto tem conexões afetivas, exatamente expressões corporais.



Essa multidão que dança e que ri e que é capaz de alegria é uma multidão, digamos, eu sou filósofo, me escapa sempre dizer que é ontologicamente feliz. Evidentemente quer dizer pouco, nenhum filósofo diria uma frase desse gênero, mas quer dizer muito, porque a multidão não representa simplesmente na luta uma espécie de grande carnaval potente, mas representa uma corporeidade potente, que é uma coisa que não pode ser simplesmente reprimida, que é essa relação entre o poder e a potência da multidão, essa relação tem alguma coisa de assimétrico, e essa assimetria não é a guerra que o poder e a polícia podem fazer contra, mas é a assimetria positiva da multidão ante o poder, que é diminuído, de seu ponto de vista ontológico, de seu Ser.

Por exemplo, é verdadeiro o que dizem muitos sobre a “guerra à baixa intensidade”, que se dá um pouco em todo lugar do mundo nesta fase, mas é preciso estar muito atento, que a “guerra à baixa intensidade” não é a guerra que Bush inventou nos confrontos do Iraque ou do Afeganistão, que são regularmente guerras fracassadas da grande potência americana, aqui, diferentemente, nos achamos numa “guerra à baixa intensidade” que é em certa maneira traidora do ponto de vista de seu significado. Porque há uma assimetria da resistência, isto é, a resistência é mais potente do que o poder, este é um conceito extremamente forte, é um conceito que, por exemplo, alguns filósofos contemporâneos, Foucault em particular, insistem no fato que a relação de poder os sujeitos, o que coloca em ato o processo de subjetivação é sempre mais forte do que aqueles que querem reprimi-lo. Mas também o conceito de capital, de subjetividade, é um pouco essa coisa, é sempre a produtividade que é mais forte do que o capital que pretende integrá-la, que quer espremê-la.

É agora esse elemento [a assimetria positiva da resistência] que a outra imagem exprime perfeitamente. Com esse começo... porque ele não está cansado, ele começa já brincando, com alegria, e todas as pessoas em volta entram na roda, e se colocam juntos, e essa grande massa vivificada pelo movimento, bem, essa é verdadeiramente uma imagem que não pode ser esquecida e que tem o significado de ilustrar o que o movimento hoje se tornou: uma grande potência que dança.

Mas sabe, né! é preciso estar atento a isto, podem ser imagens que traem. Nietzsche por exemplo, tinha frequentemente imaginado isso, mas o problema é exatamente conseguir entender que Nietzsche era um democrático e não um fascista. E isto é difícil.

Referências

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Maio de 68 não ocorreu. Texto originalmente publicado em **Les Nouvelles Littéraires**, 3-9 maio de 1984, p.75-76.

NEGRI, A.; HARDT, M. **Império**. Trad. Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.